

media

Escola Secundária Manuel da Fonseca
BOLETIM DA MEDIATECA - nº 5 - Março 2010

Artur da Fonseca

Memórias de Manuel da Fonseca

Nesta edição damos a conhecer quatro textos inéditos de Artur da Fonseca, irmão do patrono da nossa escola.

Desde há muitos anos que o Artur tem estabelecido com a nossa escola uma relação de grande proximidade, colaborando sempre nas iniciativas de promoção da obra de Manuel da Fonseca. Tem sido uma constante o carinho e a emoção que coloca nas suas palestras e nos seus textos, a propósito do seu irmão.

Agradecemos o privilégio de podermos publicar estes textos inéditos e divulgar algumas fotografias, também inéditas, do seu espólio pessoal.

Esta é também a nossa homenagem a Artur da Fonseca. ■C.M.

EDIÇÃO ESPECIAL

dedicada a
Artur da Fonseca

2 Editorial

3 Jogador de Boxe

4 Sardinhas Assadas na Ribeira

6 O Assalto ao Quartel da Penha de França

7 Convite para almoçar

8 Álbum de Memórias

Escola Secundária
Manuel da Fonseca
Estrada de Santa Cruz
7540-121 Santiago do Cacém
tel. 269750080 fax.
269750088
www.esec-manuel-fonseca.rcts.pt
mediateca.esmf@gmail.com



Manuel da Fonseca - Nos anos de estudante

Artur da Fonseca, na ESMF

Editorial

Quando entramos na sua casa, o Artur da Fonseca, nascido já há 86 anos, sorri largamente e, na sua voz quente e acolhedora, manda-nos sentar por entre tomos e tomos, por si acondicionados, onde, verdadeiramente fascinados, partimos à (re)descoberta de Manuel da Fonseca, seu irmão. Ele, extasiado e orgulhoso como sempre. Nós, gozando o prazer daquela intimidade com o escritor.

Um autor nunca morre. Manuel da Fonseca persiste, não só na obra que nos legou mas, sobremaneira, através da memória de Artur da Fonseca que, num tecido de lucidez harmonioso, se espraia quase que infinitamente, preservando, através de contínuas e múltiplas recolhas, a personalidade de Manuel da Fonseca. E fá-lo incansavelmente. Deste modo, Artur sussurra-nos, de Manuel da Fonseca, segredos, fala-nos de manias, repete ditos, reconta episódios. Nas palavras de Artur parecemos ecoar as de Manuel da Fonseca. Até nos olhos de "Arturinho", vemos reflectidos, de certa forma, a dimensão humana de Manuel da Fonseca e o seu ar assombrado de escritor de tempos revoltosos, em que sobressaem o vigor das searas ao vento semeadas em planícies abertas "num sonho quieto" e avistadas de Cerromaior, num tempo passado, mas assim revisitado. Num tempo de lavradores e de camponeses e malteses. De montes de postigos abertos, espreitando para longe o pó dos caminhos sem fim.

Por isso, quando estamos ali, com Artur da Fonseca, perante aquele precioso espólio, a emoção invade-nos, e as histórias ou poemas tomam conta de nós. Sentimo-nos parte da magia da obra de Manuel da Fonseca, no seio da sua individualidade, percorrendo-lhe os caminhos de vida e tomando-lhe o sabor do seu génio criador. Artur revela-nos, eufórico, os manuscritos, as fotos, os inéditos do irmão e, com a sua alma grande, permite-nos tocar, investigar, saber sempre mais e mais.

Artur da Fonseca hoje sorri, defronte do ecrã do seu computador. *O Largo*, que dali se expande em todas as direcções e ali conflui, permite-lhe rasgar todos os horizontes. Artur escreve episódios, acontecimentos, peripécias que só ele sabe e só ele existe para nos contar. Só ele, porque, muito embora irmão de Manuel da Fonseca, é também o Artur hábil contador de tantas e tantas histórias.

Arturinho, que nasceu em Santiago do Cacém, há muito que também desceu ao Largo e tomou outros caminhos que conosco vai partilhando. ■ M.F.B.



Artur da Fonseca



Manuel da Fonseca, os Pais e o irmão Artur

Jogador de Boxe

Tarde amena de fim de Verão. Um amigo e cliente, falava com nosso pai, ao fundo do corredor, onde ficava a fabricação de molas de todos os feitios e tamanhos.

Na sequência da conversa, o amigo dá as felicitações ao nosso pai, sobre a vitória do Manuel no Campeonato Nacional de Boxe “não me recordo, se na categoria de Médios ou leves”, realizado no Palácio Galveias ao Campo Pequeno.

Nosso pai diz que o senhor está enganado. Na verdade, o Manuel já lhe tinha dito que havia um rapaz que jogava boxe e tinha o mesmo nome, e até os amigos pensavam que era ele, mas que não desmentia para tirar vantagem de tal coincidência.

Toda esta conversa que o Manuel teve, era porque nosso pai não gostava de nenhum desporto violento, sobretudo o boxe, e ainda menos praticado por um filho, e assim estar longe de o saber ao ler o jornal, ou ouvir o rádio.

O amigo insistia que era o Manuel. Nosso pai que ele estava enganado.

Por um acaso de ironia, desenha-se um vulto no princípio do corredor, vindo da rua. O vulto conforme se aproxima as feições tomam nitidez, e o rosto do Manuel já não é um recorte negro que tinha sido provocado pela luz que vinha da rua.

O amigo com um ar de triunfo, apontando para o Manuel, perguntando a nosso pai?

- Este rapaz não é o seu filho?

O pai Carlos, diz que sim...

O amigo então confirma:

- Pois se é o seu filho, tenho a certeza que o vi ganhar o campeonato.

Nosso pai desculpa-se por estar tão bem enganado, e como homem de uma só palavra, que nos dizia sempre que a palavra vale mais que uma assinatura, porque esta podia ser falsificada, enquanto a palavra só o próprio a poder dizer.

Quando chega a casa, no fim da tarde, chama o

Manuel ao quarto dele. Nosso pai que nunca nos bateu, quando tem a cara do Manuel a jeito, e de certeza travando o murro, diz-lhe depois dele se levantar:

- Cá em casa, só quem dá murros sou eu.

No dia seguinte o Manuel foi para Santiago, e assim não pôde receber o diploma nem a medalha, o que pouco se importou. Já tinha jogado boxe durante alguns meses e estava agora na terra que ele mais gostava. ■ A.F.



Nos anos 30, quando ganhou o campeonato de boxe.



Lisboa, Anos 30



Sardinhas

Depois de duas longas horas de comboio vindo de Lisboa, cheguei à estação de Sines, que nessa altura tinha uma das mais belas praias de Portugal. Como vila, tinha comboio, hoje como cidade não o tem.

Atravessei a vila já minha conhecida desde criança, onde meus pais foram algumas vezes passar férias por minha causa. Agora estava lá o Manuel por causa do filho.

Sabendo onde ficava a casa dei com ela facilmente. Veio abrir a portas minha cunhada, que depois das perguntas habituais sobre a família, levou-me ao quarto onde ficaria. Meu sobrinho estava a dormir. Perguntei-lhe pelo Manuel, e ela numa resposta meia amável:

- Deve estar em algum dos sítios do costume.

A vila era relativamente pequena, passei pelos poucos cafés e vendas onde poderia estar. Não o encontrei. Lembrei-me da Ribeira, lugar ideal para poder ouvir e falar com os pescadores.

Fui ao miradouro, donde se viam as vendas e o movimento da ribeira. Uma fogueira e vários homens sentados à sua volta. Devia lá estar, e estava.

Estavam todos a assar a sua sardinha que punham numa fatia de pão, comendo, bebendo e a falarem sobre factos da vida, invernos rigorosos, tempos de fome

O Manuel quando me viu, as suas primeiras palavras foram tão naturais, como me tivesse visto momentos antes:

- Ó Artur se queres comer uma sardinha vai ali à venda e compra pão.

Assim fiz, e como eu, aqueles que iam aparecendo, para entrar no grupo, tinham que ir buscar pão ou vinho, ou mesmo carvão, se estivessem a faltar; pois as sardinhas, a mando do arrais, eram deixadas pelos homens que estavam a carregar as camionetas com aqueles chapéus de lata com uma aba muito alta para aparar a água que escorria das caixas.

Cada um contava a sua história, o Manuel dominava com as suas, umas alegres, outras cheias de tragédia.

Uns iam abalando, outros chegando e o céu foi clareando e já estava num azul muito claro quando nos encontrámos só, os dois.

- Temos que ir para casa.

Disse o Manuel.

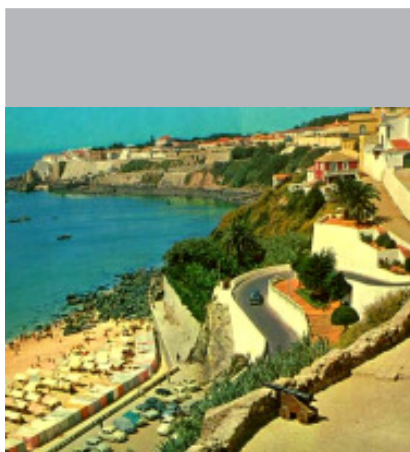
- Temos que ir para casa.

Disse eu.

E lá fomos. A vila começava a ter vida, homens e



Artur da Fonseca na Ribeira - Sines



Sines - Anos 60

assadas na Ribeira



Artur da Fonseca na Ribeira - Sines

mulheres iam já para os empregos.
Entrámos em casa, fazendo o mínimo de barulho. Despedimo-nos com um aceno de mão. Vi-o entrar no quarto, e eu, depois de fechar a porta do meu, quando estava a abrir a mala para tirar o pijama, ouvi a voz gritante da minha cunhada:

- Isto é que é hora de entrar em casa?

Depois a voz calma e natural do Manuel:

- Tens razão Mabilde, na verdade, são horas de sair.

Ouvi os passos dele no corredor e o bater da porta da rua.

...Fiquei com uma grande pena de não ter ido com ele... ■ A.F.



Manuel da Fonseca com o filho, em 1941



Sines - Anos 60



Artur da Fonseca, o escritor Luís Pacheco e Manuel da Fonseca, em 1981.

O assalto ao quartel da Penha de França

Nos anos trinta, eram frequentes revoluções, que nasciam espontaneamente por grupos descontentes que normalmente abortava e que já ninguém acreditava.

Assim aconteceu na Praça do Chile, onde o Manuel e os amigos dominavam.

Determinado a hora e o dia, os chefes revolucionários, começaram a distribuir as armas. Chegada a vez do Manuel, ao entregarem-lhe uma pistola, o Manuel, com o seu espírito incrédulo, e de crítica a tudo que o rodeava, e convencido talvez que tudo aquilo

força. Ouve-se o assobiar e o bater nas paredes das balas por toda a parte. Os revolucionários dispararam espavoridos em debandada.

O Manuel descendo pela calçada, vira à esquina da primeira rua e, às ocultas dos olhos dos soldados que o perseguem, bate com força na janela de uma cave; a voz de uma rapariga pergunta quem é, o Manuel responde-lhe:

- Abre... Sou eu ... O Manuel

A janela abre-se e os olhos ensonados da rapariga vêem o Manuel saltar para dentro do quarto, fechar rapidamente a janela, as portadas,



Praça do Chile - Lisboa

não passava, como todas as outras, de palavras e encenação, diz-lhes que não precisava, pois estava armado, e mostra-lhes uma pistola, um isqueiro, perfeita imitação da verdadeira.

Pela noite fora, lá foram os revolucionários subindo pela Morais Soares, Calçada Heróis de Quionga e outras, onde ao cimo, se encontra o quartel da Penha de França.

Enquanto os revolucionários trocavam ordens, tomando posições, nas várias ruas estratégicas que davam para o Quartel. O Manuel sempre agachado acompanhava-os.

Começou então a troca de tiros.

Passado algum tempo, ouviu-se vindo de dentro do quartel o toque de vários clarins, a porta abre-se a tropa sai do Quartel e ataca em

apagar a luz e pedi-lhe silêncio.

Ouve-se, vindo da rua, vozes de comando e o som de botas a correr ao bater nas pedras da calçada.

O silêncio volta novamente àquela pacata rua.

O Manuel explica com voz quente o perigo de sair e ser preso.

Por isso, foi uma noite inesperada. Enquanto alguns dos patrióticos revolucionários dormiam em celas, nos catres duros, tiritando de frio, outros apavorados, olhando sempre para trás, regressaram a casa, o Manuel deitado numa boa cama, já com a cabeça da bela amada sobre o peito, acendia o cigarro com a chama da sua magnífica pistola revolucionária. ■ A.F.

Convite para almoçar

Já não me recordo o motivo que levou o Manuel para nos convidar a ir almoçar com ele e mais uma namorada que tinha na altura.

Estava a morar, depois de se ter divorciado da segunda mulher, na casa do filho do Alves Redol, ali para os lados da Penha de França.

Na campainha da porta da rua, carregámos vezes seguidas, como tinha ficado combinado, para saberem que éramos nós.

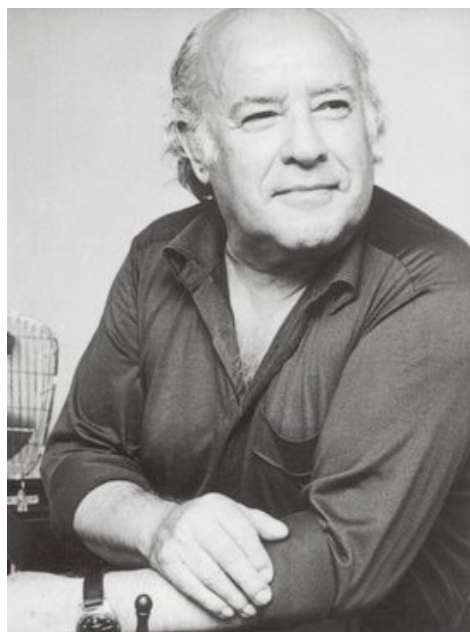
Pouco tempo depois, apareceu-nos o Manuel todo sorridente, acompanhado de uma senhora, que sem ser gorda, era enorme, tanto de altura como de largura e que também trazia o rosto rasgado com um enorme sorriso.

Era alemã. Fez-me lembrar as naturais da Floresta Negra, só lhe faltando vir vestida com uma saia com suspensórios e um colete, tudo em cabedal e chapéu com um enorme pena.

Depois das apresentações, a senhora ficou a falar



Manuel da Fonseca no Bairro Alto, em Lisboa



Manuel da Fonseca

com minha mulher um pouco afastadas de nós e foi nessa altura que o Manuel tocando-me no braço:

- Artur, Estás cheio de inveja.

Como lhe tivesse dito que não via o porquê, ele diz-



Artur da Fonseca

me, com um sorriso todo aberto, com os olhos meio cerrados:

- Sabes lá Artur, quando estou com ela, sobeja-me mulher por todos os lados. ■ A.F.

Álbum de Memórias

Aqui publicamos algumas das últimas fotografias que Artur da Fonseca nos fez chegar, provenientes do seu imenso espólio documental.



A primeira camioneta da carreira de S. Cacém (o pai de Manuel da Fonseca, de pé, no estribo)



Artur da Fonseca na Igreja do Castelo



Manuel da Fonseca com o irmão, José.



Manuel da Fonseca (O Retrato)



Manuel da Fonseca, estudante



Manuel da Fonseca, a mãe e o irmão Artur, no Sítio da Nazaré

Edição: Mediateca da Escola Secundária Manuel da Fonseca

Coordenação editorial:

Cipriano Mendes, Ana Cristina Ascenso, Maria de Fátima Beja.

Redactores neste número:

Artur da Fonseca, Cipriano Mendes, Maria de Fátima Beja.

Grafismo:

Cipriano Mendes

Impressão:

Mediateca e Reprografia da Escola Sec. Manuel da Fonseca.